



## **Vozes narrativas em Conceição Evaristo: experiência, identidade e resistência**

### ***Narrative Voices in Conceição Evaristo: Experience, Identity and Resistance***

Maria Carolina de Godoy

Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná / Brasil

Pesquisadora PQ2 do CNPq

mcdegodoy@uol.com.br

<https://orcid.org/0000-0003-4016-3720>

Nelci Alves Coelho Silvestre

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná / Brasil

nacsilvestre@uem.br

<https://orcid.org/0000-0002-6670-2326>

**Resumo:** Embasados nos teóricos pós-coloniais Stuart Hall (2006), Bill Ashcroft (2001), Homi Bhabha (1998) e outros, o objetivo deste trabalho consiste em analisar as relações entre escrevivência, resistência e identidade, visando contemplar as estratégias de resistência e a escrevivência como resistência artística e intelectual. Para tanto, trabalhamos com duas narrativas de Conceição Evaristo: “Regina Anastácia” e “Sabela”. Nossa proposta apresenta os mecanismos de resistência utilizados pelas personagens das narrativas no resgate de sua agência, bem como a voz autoral de Conceição Evaristo.

**Palavras-chave:** resistência; identidade; escrevivência.

**Abstract:** Current paper analyzes the relationships between writing-experience, resistance and identity, based on post-colonial theoreticians Stuart Hall (2006), Bill Ashcroft (2001), Homi Bhabha (1998) and others, to discuss resistance strategies and writing-experience as an artistic and intellectual resistance. We will investigate the mechanisms of resistance employed by the characters of two narratives by Conceição Evaristo, namely “Regina Anastácia” and “Sabela”, to recover their subjectivity, coupled to the Conceição Evaristo’s authorial voice.

**Keywords:** resistance; identity; writing-experience.

## Introdução

*Insubmissas lágrimas de mulheres*, publicada originalmente em 2011<sup>1</sup>, e *Histórias de leves enganos e parecenças*, lançada em 2016, compõem a diversa obra de Conceição Evaristo e descortinam, desde o início, seu processo de criação: ouvir, coletar e escrever histórias. Na abertura do primeiro, há a descrição do processo.

*Gosto de ouvir, mas não sei se sou a hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E, no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. [...] Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (EVARISTO, 2016, p. 10, grifos da autora)*

No interstício entre os movimentos de ouvir e escrever, há o amálgama das experiências revividas pela linguagem e de vozes narradoras indissociáveis, registrado no espaço literário de onde emanam significados, oriundos dessas vivências compartilhadas. A compreensão de escrevivência abrange, dessa forma, múltiplas vozes entrelaçadas nessas narrativas de resistência e afirmação identitária. Na abertura do livro *Histórias de leves enganos e parecenças* está reafirmada essa posição:

*Do que eu ouvi, colhi essas histórias. Nada perguntei. Uma intervenção fora de hora pode ameaçar a naturalidade do fluxo da voz de quem conta. Acato as histórias que me contam. [...] Ouço pela partição da experiência de quem conta comigo e comigo conta. Outro dia me indagaram sobre a verdade das histórias que registro. Digo isto apenas: escrevo o que a vida me fala, o que capto de muitas vivências. Escrevivências. (EVARISTO, 2016, p. 15)*

Em seu ensaio publicado na revista *Palmares* (2005), “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira”, Conceição Evaristo questiona as imagens utilizadas quando se trata da

---

<sup>1</sup> Neste artigo, será utilizada a edição de 2016.

identidade da mulher negra no espaço literário, produtor de símbolos de sentido. Essas imagens ainda aparecem ao lado do passado escravo das personagens, “de corpo-procriação e/ou corpo-objeto de prazer do macho senhor [...]”. Ela ressalta: “Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (EVARISTO, 2005, p. 54). São narrativas que registram, como no conto “Regina Anastácia”, a partir do olhar da personagem-narradora negra, o modo como as famílias negras tentavam se estabelecer financeiramente, no início do século XX. A mãe de Regina Anastácia, por exemplo, resolve vender de modo independente pães e doces, contrariando a vontade do pai, que achava seguro trabalhar para os dantanhenses, como a análise mostrará mais adiante. Embora o registro literário mostre a inserção da mulher negra no comércio local – fato destacado em estudos históricos, como aponta o artigo de Marcelo Paixão e Flavio Gomes (2012), no livro *Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação* –, a diferença entre o reconhecimento do trabalho da mulher negra e demais trabalhadores e trabalhadoras, em dados atuais, é abissal, como apontam os autores mencionados:

Passado e presente das mulheres negras são atuais e verdadeiros. [...] há experiências complexas de luta, opressão, humilhação, superação, amor, dor, desejos, escolhas, alegrias e desafios. Constatar isso pode ser pouco. Mais importante será conhecer e tornar visível – em alguns espaços do conhecimento e da decisão sobre políticas públicas – o universo das mulheres negras e o seu protagonismo de ontem e de hoje. (PAIXÃO; GOMES, 2012, p. 311)

O registro literário do protagonismo das mulheres negras, tanto na família quanto na sociedade, permite-nos pensar a escrevivência no campo histórico-social, que tradicionalmente não contempla o enaltecimento de mulheres e homens negros. O conceito parte, assim, do espaço artístico-literário e desloca-se a outros de manifestação de vozes, expandindo territórios e resistindo ao silêncio. Em “Regina Anastácia” e “Sabela”, narrativas das obras mencionadas, as relações entre escrevivência, resistência e identidade são ressaltadas na abordagem deste trabalho, uma vez que Conceição Evaristo, em sua obra, propõe a reconfiguração da construção identitária da mulher negra por meio do contradiscurso, no qual as mulheres são sujeitos empoderados que não só conhecem sua cultura, suas raízes, como também lutam, resistem, com o propósito de reverter sua condição supostamente fragilizada e de redefinir suas identidades.

O processo diaspórico pelo qual os negros passaram solapou identidades e, para resgatá-las, houve luta, que não ocorreu de forma passiva, como a história oficial conta. A percepção da dominação do poder imperial instigou a recusa das imposições do colonizador, houve a necessidade de travar um embate para reverter a situação de povo oprimido e resgatar sua subjetividade. Considerando aspectos coloniais, uma vez que a história do povo negro remete há séculos de escravidão nesse contexto, as teorias contempladas para esta reflexão tangenciam, ao lado dos estudos sobre identidade e escrivência, os teóricos pós-coloniais a fim de se abordar a concepção de resistência.

### **Notas teóricas: identidade e resistência**

A análise e discussão sobre a identidade do sujeito são de suma importância para a investigação das narrativas “Regina Anastácia”, conto da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) e “Sabela”, novela do livro *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), já que o termo “pode ser definido como uma positividade (aquilo que a pessoa é) cuja referência é ela mesma” (BONNICI, 2011, p. 35). Sendo assim, há uma relação de dependência com a diferença, pois, quando alguém afirma a sua identidade, afirma também a sua diferença. Nesse sentido, ambas atuam na base de inclusão e exclusão, marcando o posicionamento distintivo e existencial do sujeito no que se refere às suas concepções.

Stuart Hall (2006), em *A identidade cultural na pós-modernidade*, apresenta três concepções de sujeito ao abordar a identidade: o iluminista, o sociológico e o pós-moderno. O primeiro é visto como ser uno, indivisível, com capacidades de ação, de consciência e de razão; o segundo, por seu turno, forma-se nas relações culturais e sociais que o cercam, no espaço entre o sujeito e o mundo público. Já o terceiro, que interessa mais de perto a esta reflexão, advém da discussão do posicionamento da identidade, desde o século XIX, quando os movimentos questionam a definição de sujeito como um ser unificado e indivisível ou existente apenas em relação ao meio ou à cultura onde está inserido, já que, segundo o teórico, o sujeito iluminista, cuja identidade era “fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno” (HALL, 2006, p. 46).

O primeiro descentramento configura-se como uma construção social a partir da qual o sujeito colonizado deve servir aos interesses da classe dominante, ou seja, refere-se ao pensamento marxista e seus desdobramentos.<sup>2</sup> Hall (2006) registra que o segundo descentramento compreende as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan, e o terceiro está associado ao linguista Ferdinand de Saussure, para quem a língua é um sistema social e, como tal, é utilizada para produzir significados, expressar os pensamentos, ativando “a imensa gama de significados que já estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (HALL, 2006, p. 40). Já o quarto descentramento reporta-se ao trabalho de Michel Foucault, filósofo que destaca o “poder disciplinar”, e o quinto compreende uma série de eventos, tais como o feminismo, as revoltas estudantis, os movimentos contra as armas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos pela paz e toda uma série de projetos revolucionários que se sustentavam na afirmação da identidade: “Cada movimento apelava para a *identidade* social de seus sustentadores” (HALL, 2006, p. 45). O autor acrescenta que, dessa forma, surgiu a “política de identidade – uma identidade para cada movimento” (HALL, 2006, p. 45). Sendo assim, deve-se ter em mente que

a identidade do sujeito pós-moderno não é permanente, ela apresenta caráter móvel, indicando que o sujeito pode adotar várias identidades, inclusive contraditórias, pois depende da situação em que se encontra. Além disso, não há mais um centro ou eixo em torno do qual a identidade se desenvolveria e, sim, múltiplos eixos que disputariam pelas características de centralidade, com deslocamentos frequentes (ALVES; SILVESTRE, 2017, p. 10).

Diante das identidades contraditórias, que desnorteiam o sujeito colonizado, instaura-se uma crise identitária, pois, “no processo de colonização, o negro sofreu os deslocamentos racial, histórico e linguístico. Nesse processo, o sujeito tornou-se fragmentado, já que possuía memórias da liberdade, mas não era livre (sujeito desmemoriado)” (SILVESTRE, FELDMAN e MILAN, 2015, p. 103). Isso significa que não é possível

---

<sup>2</sup> “Marx e Althusser situaram o sujeito mais profundamente no contexto social, expondo como a identidade é formada por instrumentos de repressão social, pelas relações de autoridade e poder, ou de classe, como também de raça” (ALVES; SILVESTRE, 2017, p. 09).

retornar aos valores originários de sua cultura, nem tampouco reconhecer os valores eurocêntricos como seus, o que o coloca em constante crise.

De acordo com Ashcroft (2001), há várias formas de resistência ao poder imperial, reconhecidas no período colonial, e que contribuem para compreensão do modo como ocorrem hoje: a resistência armada ou violenta, a resistência pacífica (direta e indireta) e a resistência discursiva (direta e indireta).

A modalidade mais primitiva de resistência é a violência. Trata-se do reflexo da necessidade de ser totalmente livre do opressor, de recuperar sua subjetividade, de se rebelar contra o domínio e o fato de serem subordinados ao poder colonial. Na tentativa de manter sua agência, os negros fizeram uso de estratégias com base na agressão física, tais como combates extremamente violentos, rebeliões, pois acreditavam que não havia outra maneira de resistir e de revidar. O reconhecimento dessas lutas do povo negro permite rever registros históricos que sugerem passividade ante a opressão escravocrata.

No artigo de Gonçalves e Bonnici (2007), “O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial”, os autores pontuam que se não fosse a resistência via violência, possivelmente, o período de escravidão teria se prolongado e haveria ainda muitas colônias sob o comando imperial. Dessa forma, a luta, o embate físico e as manifestações violentas foram modos de defesa pelos quais os sujeitos coloniais rechaçaram o colonizador que introduziu a transformação cultural, social e ecológica. Feldman e Silvestre (2019, p. 33), ao tratar do tema, dizem:

Esse tipo de revide por meio de lutas e guerras foi uma boa tentativa de resistência, mas pouco serviu na quebra da hegemonia europeia, pois gerou mais opressão por parte do império e mais violência nas guerras civis no período pós-colonial.

Ashcroft (2001) registra a forma de resistência pacífica, que consiste em enfrentar o opressor por meio de atividades, tais como a suposta aceitação de seus mandos e desmandos, atos de insubordinação e desobediência, sendo que o opositor pode ou não estar ciente de que está sendo enfrentado. A resistência pacífica direta ocorre mediante o conhecimento do opressor, pois os ataques ocorrem por meio de movimentos de desobediência civil, tais como manifestos e outros movimentos. A resistência pacífica indireta, por seu turno, ocorre quando não há ciência do enfrentamento, ou seja, não se trata de uma forma declarada de oposição. Quando o povo oprimido tem

que executar as ordens do opressor, o faz com raiva, descontentamento, de forma morosa, xingando baixinho, murmurando, ofendendo etc.

Embora as modalidades de resistência apresentadas sejam eficientes, Ashcroft (2001) afirma que o ato de resistir por meio do discurso pode ser muito mais efetivo. Segundo Feldman e Silvestre (2019), a resistência discursiva direta refere-se a um discurso contra algo ou alguém identificado, fazendo uma denúncia específica e aberta:

Tal resistência discursiva se torna, então, mais uma arma na resistência armada, uma vez que sua efetividade é para alertar sobre um problema setorizado e, uma vez que o opositor ou o problema cessam, o discurso perde sua razão (2019, p. 33).

As estratégias discursivas de resistência compreendem a mímica, a paródia e a cortesia dissimulada. A mímica ocorre quando o colonizado copia, imita as características do colonizador na forma de se trajar, ou no modo de caminhar, ou ainda, por exemplo, na assunção de valores; porém, a imitação não é exata.

Bhabha (1998, p. 147), em sua obra *O local da cultura*, discorre sobre a estratégia discursiva cortesia dissimulada. Para o autor, nessa estratégia, o sujeito colonial tece críticas, enfrenta o colonizador, mas não de forma direta. Ao fingir que se sujeita, que se submete às imposições e às demandas do colonizador, o sujeito o confronta ideologicamente em uma tentativa de resgatar a sua identidade e superar o estatuto de objeto.

A paródia, assim como a mímica, é a imitação, a reprodução, contudo essa cópia remete ao discurso do colonizador pela escrita. Feldman e Silvestre (2019) registram que a paródia “consiste na estratégia por meio da qual um texto dialoga com outro texto anterior a ele, objetivando desconstruir o discurso ideológico. Trata-se de uma escrita que dá voz ao excluído” (2019, p. 38). Nesse sentido, esse tipo de estrutura não só apresenta uma homenagem ao texto original, como também tece uma crítica, dessa vez por meio da reescrita de certos aspectos históricos e ideológicos que reproduzem o ponto de vista do marginalizado, ao mesmo tempo em que o recoloca como sujeito da história.

Além das formas de resistência apresentadas, há a ab-rogação e a apropriação. A primeira significa a rejeição de conceitos normativos da língua imperial e sua estética. Já a segunda refere-se à forma como o

colonizado aprende e domina a linguagem do colonizador, com o objetivo de utilizá-la para seu próprio benefício. A apropriação da língua imposta na colonização foi um dos recursos utilizados para contar as mazelas do período colonial e pós-colonial sob o viés do marginalizado, do excluído. Retomando Fanon, em *Pele negra máscaras brancas* “Um homem que possui a linguagem possui, em contrapartida, o mundo que essa linguagem expressa e que lhe é implícito.” (2008, p. 34), isto é, ao assumir o idioma do colonizador, o colonizado o coloca a seu próprio serviço, contrapondo-se às relações de dominação.

No plano literário, a reconfiguração da história na qual o colonizado tem vez e voz ocorreu por intermédio das práticas discursivas da releitura e da reescrita. Para Feldman e Silvestre (2019), “A releitura é uma forma que os autores pós-coloniais utilizam para demonstrar resistência às imposições imperiais” (2019, p. 44), ou seja, trata-se de uma estratégia que visa evidenciar quais são suas implicações no processo colonial.

Outra maneira de se apropriar da linguagem do colonizador é a reescrita, recurso que apresenta uma nova visão da narrativa contida na obra original. Trata-se de um contradiscurso, “uma resposta ou questionamento dos estereótipos e imagens geradas pelo texto original” (FELDMAN e SILVESTRE, 2019, p. 45). Nesse sentido, as personagens outrora objetificadas são recodificadas para que tenham visibilidade e ascensão social. Veremos de que maneira as formas de resistência apresentam-se nas narrativas selecionadas.

### **Abrindo caminhos: resistir para existir em “Regina Anastácia”**

O conto “Regina Anastácia”, de Conceição Evaristo, narra a história da personagem, que, em seus 91 anos de vida, relembra o passado. Antes de apresentarmos o enredo, cabe ressaltar o significado do nome: Regina é um vocábulo de origem latina, cujo significado é rainha, senhora absoluta, a maior; já Anastácia é símbolo de resistência, de luta contra a opressão do sistema escravagista. A junção de Regina e Anastácia cabe perfeitamente à protagonista, conforme veremos no decorrer da análise.

Regina Anastácia, ao contar sua trajetória, revela um período em que a escravidão havia sido extinta, porém, diante da liberdade advinda da abolição, os negros começaram a fazer parte de um novo esquema de dominação, de opressão, pois não existia nenhuma oportunidade de inclusão

para eles. A sobrevivência era difícil porque, uma vez libertos, os negros não conseguiam trabalho, conseqüentemente, não possuíam moradia e alimentos, o que os obrigava a aceitarem qualquer serviço.

Em uma cidade dominada pela família D'Antanho, proprietária do banco, do comércio, da escola, da igreja, latifundiária da linhagem do duque D'Antanho, duas das tias da protagonista “foram chamadas para cozinhar na casa de Geraldo Duque D'Antanho” (EVARISTO, 2016, p. 131). As tias passaram a dormir no local de trabalho, distanciando-se de seus familiares por semanas. Ainda de acordo com a narradora, todos os seus familiares “direta ou indiretamente, trabalhavam para os D'Antanhos, inclusive as crianças e jovens” (EVARISTO, 2016, p. 130-131). O pai dela também era funcionário de um armazém da família D'Antanho. Lopes (2008) registra que “Nas cidades, homens e mulheres eram, em geral, criados domésticos. Na rua, eram vendedores, carregadores, barbeiros” (LOPES, 2008, p. 52). Assim, a integração à nova realidade econômica segue o mesmo sistema de dominação e hierarquização da época da escravidão.

No entanto, Saíba, a mãe de Regina Anastácia, ao receber a oferta de trabalho na maior padaria dos Antanhos, “não [o] quis, para a surpresa de nossa família” (EVARISTO, 2016, p. 131). O pai de Regina ponderou que seria difícil, mas “Minha mãe nem se assustou” (EVARISTO, 2016, p. 131). Essa atitude de Saíba ilustra a resistência pacífica direta, uma vez que ela não aceitou essa posição de marginalizada em face do sistema dominante, resistiu às imposições da família D'Antanho e buscou se libertar das amarras do poder. Famosa pelos seus doces e pães, Saíba começou a trabalhar por conta própria, e a filha a auxiliava na entrega de encomendas em Rios Fundos e em algumas cidades próximas.

No afã de reconquistar a posição de sujeito outrora usurpada, Saíba insistiu em realizar seu trabalho de forma autônoma, independente, porém, sua resistência “foi alvo de deboche. Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense” (EVARISTO, 2016, p. 134). Essa postura de força, de transformação e de enfrentamento – “Mas a força de minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá” (EVARISTO, 2016, p. 134-135) – remete à ancestralidade, em que “as vozes e as mulheres têm a mesma conotação: trajetórias femininas mostradas pela ancestralidade;

afirmação de existência, a partir de um coletivo” (SILVESTRE; FELDMAN, 2015, p. 105).

O elo existente entre passado e presente propicia a releitura do passado de Regina: “sei que as mulheres de minha família, todas eram e são exímias cozinheiras, além de todo ou qualquer outro dom. Habilidades que foram transmitidas, ensinadas umas para as outras, trunfos de família” (EVARISTO, 2016, p. 135). Aqui é possível verificar que a arte da culinária é passada de geração em geração, pois Regina e a mãe se tornaram proprietárias de uma pequena tenda, cujo nome era Saíba e Anastácia – “a arte própria de alimentar através do tempo” (EVARISTO, 2016, p. 135). Em consonância com Lopes (2008), “muitas mulheres chegaram a dominar o pequeno comércio de rua; algumas até prosperaram” (2008, p. 53).

Cabe ressaltar que o alimento é a fonte da vida, mas também de cultura, de nutrição e de cuidado. Assim, ao reforçar o laço como cozinheiras, Regina e Saíba não apenas nutrem o grupo familiar e comunitário, mas também os laços de ancestralidade, transmitindo a cultura. Ao montar uma tenda, e não um restaurante, e trabalhar com comidas típicas destaca-se a marca cultural. Além disso, a denominação da tenda “Saíba e Anastácia” é outra evidência de recuperação da identidade, já que Anastácia remete a uma mulher que venceu a vitimização. Nesse sentido, o alimento vai além das necessidades de nutrição do corpo, uma vez que nutre a identidade e a própria alma, por meio do cuidado e do pertencimento.

Ao revelar os fatos passados de sua existência, Regina Anastácia procura afirmar a identidade do povo negro como seres fortes e resistentes, que buscam incessantemente a liberdade por meio da conexão com os antepassados. A relação de Regina com a família extensa citada no conto (mulheres da minha família) estabelece um senso de ligação entre aquelas pessoas por meio da cultura. Nessa ótica, a identidade da protagonista está centrada no núcleo familiar, uma vez que a “família constitui o cerne da vida social no continente” (SERRANO, 2010, p. 129).

Sendo assim, o resgate de suas raízes culturais e históricas está na família, “base para a perpetuação das culturas e do continente como um todo” (SERRANO, 2010, p. 131). Por intermédio da mãe, que representa o coletivo, Regina afirma sua existência: “Os Antanhos eram donos de tudo e se consideravam donos das pessoas também, mas não me dobraram” (EVARISTO, 2016, p. 130-131). Essa reação de resistência pacífica direta ao domínio da família D’Antanho é uma forma de procurar manter seus

costumes e tradições e de ressignificar o passado, demonstrando sua força, inspiração e pertencimento, posto que, “Para reassumir a posição de agente, o colonizado precisa reagir contra as forças que o oprimem” (SILVESTRE, FELDMAN e MILAN, 2015, p. 103).

Nessa perspectiva, a tradição de seus ancestrais mostra a ligação entre o pretérito e presente do afro-brasileiro. A conscientização da ancestralidade confere a recuperação do passado do clube que não pode ser esquecido, porque, além de dar sentido às conquistas do presente, trata-se de um registro histórico sobre o tempo da escravidão:

Havia, porém, um único espaço na cidade que funcionava independente da intervenção dantanhense e que hoje é um clube chamado ‘Antes do sol se pôr’. De acordo com o que contavam os mais antigos da cidade, a origem do clube remontava aos tempos da escravatura. (EVARISTO, 2016, p. 130)

O clube representa a coletividade negra, o poder da ancestralidade, pois, por intermédio dele, Regina se conecta com seu passado, no qual seus antepassados se reuniam para lutar em prol da liberdade quilombola, antes do pôr do sol. Essa reaquisição das origens propicia um sentimento de pertencimento que se intensifica, na medida em que a herança identitária de seu povo promove a recodificação do negro. Nesse sentido, o clube é o local onde a tradição africana mantém-se “viva pela capacidade que os africanos têm demonstrado em recriar suas experiências ancestrais, atualizando-as permanentemente sem perder o que nelas há de original” (SERRANO, 2010, p. 129).

O clube está fortemente presente na vida de Regina, visto que era o espaço de resistência física armada, onde os negros de outrora organizavam motins, conflitos, enfrentamentos contra a escravidão e os colonizadores. Ademais, a protagonista, ainda mocinha, foi coroada como princesa e depois como rainha Conga naquele local que se tornou conhecido como “Antes do sol se pôr”. Era o lugar de rezas, festas e danças para os negros, outrora escravizados, onde a congada, “dança afro-brasileira que encena a coroação de reis do congo” (HOUAISS, 2004, p.180), acontecia. No mês de outubro, a festa do Rosário, celebrada pelos católicos, era realizada lá, porém, a personagem padre José Geraldo D’Antanho não apreciava porque para ele a imagem da santa deveria estar na igreja da cidade.

A insistência de Regina em discordar do padre é um exemplo de resistência pacífica direta na qual os afro-brasileiros expõem suas estratégias

subversivas de agência. “Não concordamos. A santa tem o lugar próprio, desde sempre, o nosso lugar” (EVARISTO, 2016, p. 130). Ao discordar do padre, ela rompe com os princípios naturais da civilidade/cortesia, tornando a imposição colonial ineficaz. Essa atitude de Regina Anastácia é uma forma de afirmar sua identidade e de celebrar a fusão das religiões. Nei Lopes (2008) registra que

A aproximação de orixás a santos católicos ocorrida ainda à época do escravismo em todas as Américas não representa sincretismo, mas, sim, uma estratégia, pois os detentores do conhecimento iniciático sabem que um orixá não é um santo católico e vice-versa (LOPES, 2008, p. 106).

Nesse viés, a confluência entre os deuses Zâmbi e Olorum, os orixás Exu e Ogum das religiões africanas e o catolicismo, representado, no conto, pela Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia, consiste em uma estratégia para resgatar a cultura e as tradições de seus ancestrais, bem como minar, de forma sutil, a dominação do colonizador. Na narrativa, a fusão das religiões é apresentada no seguinte excerto:

Zâmbi, Olorum, Exu, Ogum, Senhora do Rosário, São Benedito com seu Menino Jesus, Santa Efigênia dependendo da fé do fugitivo, cada um desses protetores, ou todos juntos, indicava qual caminho daria na liberdade quilombola. (EVARISTO, 2016, p. 130)

Quando há a fusão da religião imposta pelo colonizador à sua crença, os afro-brasileiros confrontam o poder colonial e contradizem diretamente o fato de os brancos considerarem a religião católica como a única verdadeira. No conto, os negros continuam cultuando as suas divindades, e os santos católicos apresentando o hibridismo religioso como um mecanismo de resistência, de legitimação e uma forma de continuidade destas culturas.

No início da narrativa, quando Regina Anastácia se apresenta, a narradora conta que “Lembranças de outras rainhas me vieram à mente: Mãe Menininha do Gantois, Mãe Meninazinha d’Oxum, as rainhas de congadas, realezas que descobri, na minha infância, em Minas” (EVARISTO, 2016, p. 127). Nessa passagem, há o resgate das tradições, da ancestralidade pelas ialorixás Mãe Menininha do Gantois e Mãe Meninazinha d’Oxum, duas vozes ancestrais femininas presentes na cultura africana hibridizada com a religião cristã.

### Lopes (2008) assevera que Gantois é o

Nome popular de um importante terreiro de candomblé em Salvador, Bahia, frequentado, como o Axé Afonjá, por personalidades importantes da vida nacional. Foi popularizado pelo carisma da ialorixá Menininha do Gantois. (LOPES, 2008, p. 105)

As ialorixás são a liderança máxima do candomblé, pois são elas que possuem o conhecimento dos fundamentos da religião e a responsabilidade de transmitir esse saber. Assim, o candomblé representa uma resistência à evangelização imposta pela cultura branca.

A despeito das diferenças e particularidades, Regina vive em comunhão e harmonia com a cultura e tradições de seu povo, integrando as religiões e crenças africanas à religião cristã. É evidente que, para preservar sua identidade cultural, ela precisa empregar mecanismos de resistência contra os aparatos de opressão, a fim de tomar o controle de sua vida e estabelecer-se. No momento em que Regina afirma “Tomei em minhas mãos o cedro do meu destino e dei o rumo que eu quis à minha vida” (EVARISTO, 2016, p. 128), temos o resgate de sua agência. Seguindo essa linha de raciocínio, todo o caminho trilhado pela personagem para assumir sua posição de sujeito a conduz a questionar e transformar as situações, por isso, não aceita passivamente o domínio da família mais poderosa da cidade.

Nesse percurso de recuperação de sua identidade, Regina, ainda menina, conheceu Jorge D’Antanho, neto da senhora Laura D’Antanho. A protagonista fora à antiga casa grande levar um frasco de talco para a prima recém-nascida e uma encomenda para a senhora Laura. Lá se deparou com Jorge, mas pouco se falaram. Ficou na cozinha com as tias e quando Laura D’Antanho apareceu para dar ordens sobre o almoço, ignorou Regina que, por meio da resistência pacífica indireta, ou seja, sem o conhecimento do opressor, expressou seu pensamento: “o que é dela está guardado, ela nem sabe” (EVARISTO, 2016, p. 133-134).

Três anos após, Regina e Jorge se reencontraram, ela trabalhava com a mãe em uma tendinha, quando Jorge D’Antanho apareceu e comprou alguns pães. As idas dele passaram a ser frequentes e, diante do interesse que ele demonstrava por Regina, Saíba revelou sua preocupação para com a filha.

Os moços brancos, incentivados pelas famílias, conservam os hábitos ainda do tempo da escravidão. Corriam atrás das mocinhas

negras, assim como os donos de escravos tomavam o corpo das mulheres escravas e de suas filhas. Começavam a fazer-se homens, experimentando os primeiros prazeres no corpo das meninas e das mulheres que trabalhavam em suas casas (EVARISTO, 2016. p. 137).

De fato, Saíba constata a objetificação das mulheres negras; sua conversa com a filha é uma forma de resistir, lutar para superar esse empecilho e afirmar sua autonomia. Perante o degradante estado de objetificação da mulher negra, evidencia-se o descontentamento de Saíba, que reitera “Só que o tempo havia mudado. O mais comum agora era a sedução. Entretanto, havia aqueles que tomavam, à força, o corpo da empregada que trabalhava com eles” (EVARISTO, 2016. p. 137). O discurso de Saíba é uma estratégia de resistência, pois seu estilo e sua forma de agir contradizem os traços da escravidão, uma vez que ela não aceita a subalternidade. Sua postura contestadora é resultado de sua gradativa libertação. Com esse discurso, ela mostra para a filha que ambas são capazes de decidirem seus destinos, de escreverem sua própria história.

Regina ouviu o discurso da mãe, mas acreditou que Jorge D’Antanho era diferente. É importante destacar que a associação do sobrenome Antanho ao personagem Jorge e sua família corresponde às acepções que o dicionário Larousse (2001, p. 51) apresenta para o termo “antigamente; outrora”. Já na acepção do dicionário Houaiss, Antanho significa “épocas passadas; antigamente” (HOUAISS, 2004, p. 46). Tanto em um dicionário quanto em outro, o termo refere-se ao passado, fazendo alusão ao legado negativo da escravidão e do racismo.

Diante do exposto, é possível constatar que a família de Jorge se aproxima dessa acepção, já que

Jorge foi espremido contra a parede, que ele parasse logo com a história de namoro, que fizesse comigo o que quisesse, que montasse para mim uma casa, mas que não espalhasse essa ideia de namoro, de compromisso. Eu não era moça para tais propósitos. (EVARISTO, 2016, p. 137)

Nesse contexto, a ideia do casamento entre Regina e Jorge é ultrajante para a família porque, de acordo com o pensamento colonial, a mistura do branco com o negro pode enfraquecer a hierarquia branca<sup>3</sup>. Esse aspecto

---

<sup>3</sup> O “darwinismo social” ou “teoria das raças” refere-se à busca de um suposto aprimoramento das populações. Para assegurar uma suposta pureza racial, a eugenia tinha

denota a posição marginal de Regina Anastácia que, por ser ‘negra’, é vista como inferior, motivo principal pelo qual é rechaçada pela família D’Antanho.

Focalizando a atitude racista dessa família, as tias de Regina são dispensadas do trabalho, sendo uma delas acusada de roubo; o pai de Regina foi demitido do armazém e o próprio Jorge viu-se deserdado, pois “A desobediência causou a expulsão do nome dele do testamento” (EVARISTO, 2016, p. 138).

Mesmo diante das condições adversas enfrentadas em uma sociedade dominada pelos brancos, mãe e filha ascendem socialmente, tornando-se proprietárias de uma padaria, afirmando a existência e a visibilidade do negro enquanto cidadão. Jorge, por sua vez, torna-se proprietário de uma farmácia e convida o sogro para trabalhar com ele.

Ao término do conto, Regina narra que ela e Jorge tiveram cinco filhos: três meninas e dois meninos. Esse hibridismo se configura como via de subjetificação, pois

Dentro de nossa vida modesta, conseguimos dar estudos para todos eles. O primeiro se tornou farmacêutico como o pai, o segundo seguiu carreira militar, o terceiro é alfaiate, uma das meninas se formou professora e a outra foi ser missionária. (EVARISTO, 2016. p. 140)

Dessa forma, todos os filhos do casal conquistam seu espaço na sociedade, reposicionando o negro como agente de sua história. A educação maciça do negro-híbrido pode colocar as pessoas outrora excluídas em um patamar de igualdade.

### **Águas, ancestralidade e resistência em “Sabela”**

Na narrativa “Sabela”, a história de mulheres e seu domínio sobre as águas é rememorada desde o nascimento da protagonista, no leito de um rio seco, que inunda esse lugar de água e fertilidade para as mulheres da

---

como prática intervir na reprodução das populações, decorrendo daí o enaltecimento dos que mantiveram a homogeneidade étnica, já que não foram submetidos à miscigenação de espécies. Desta perspectiva, o progresso das nações estava associado à pureza da população, sem qualquer interferência do processo de mestiçagem, justificando o que Schwarcz (1993, p. 60) denomina de “seleção social”, por meio da promoção de casamentos entre determinados grupos.

cidade sem nome. A aura mística envolve o leitor pela voz da filha de Sabela, que conta sobre os poderes da mãe e da avó – também chamada Sabela. A chegada da bebê Sabela e seu primeiro milagre despertam na cidade a curiosidade sobre a ascendência da família, que não se revela, mantendo o mistério da origem: “Souberam apenas que as mulheres antecessoras de Sabela, assim como os homens, vieram de longe, muito longe. Povos que tinham vindo pelos caminhos das águas [...] salgadas do mar.” (EVARISTO, 2016, p. 66).

A imagem daqueles que vieram pelas águas salgadas remete aos escravizados, que “[...] gemiam sons dolorosos, como se fossem humanos lamentos. [...]” (EVARISTO, 2016, p. 66), trazidos nos navios negreiros para trabalhos forçados, ou seja, a figura do navio evoca a diáspora involuntária dos negros. Segundo Bonnici e Zolin (2009), o termo diáspora refere-se ao “deslocamento livre ou forçado de populações fora de seu país para novas regiões” (BONNICI; ZOLIN, 2009, p. 277). Os sujeitos diaspóricos, como vovó Sabela, mantêm sua tradição e cultura pela manutenção da língua, da religião, do modo de pensar e agir. No entanto, a cultura original em contato com outra sofre transformações, visto que novos hábitos são assimilados. Estes interferem na identidade do sujeito diaspórico.

Sobreviver a essa travessia foi o primeiro sinal de domínio sobre as águas, traço soberano dessas mulheres que, respeitadas pelos cidadãos, “[...] não tinham o que pedir aos homens. Autônomas faziam o que queriam.” (EVARISTO, 2016, p. 66). As ancestrais da narradora de “Sabela” tornam-se mulheres livres, assim como a família de Regina Anastácia, apesar de esta não estar em um espaço de forças místicas, pois encontram formas de resistir e sobreviver ao período pós-escravidão e à urbanização que colocaram à margem os descendentes de escravizados. É junto a esse povo da margem que vovó Sabela encontra acolhida, quando sua filha, ainda pequena, é acusada de bruxaria.

Na periferia da cidade [...] havia um povo que era esquecido por todos. Eram os Palavís. Povos que, desde o sempre, habitavam, não só, aquele sítio, mas todo o território. Eram os povos primeiros. [...] foi lá junto ao povo Palaví que Vovó encontrou guarida. (EVARISTO, 2016, p. 66-67)

Assunção de Maria Sousa e Silva (2018), em capítulo intitulado ‘E assim tudo se deu’: as histórias de leves enganos e pareças’, retoma a força feminina e as estratégias discursivas dos contos, a partir do realismo animista, como forma de resistência ancestral.

É nesse movimento entre a retomada dos preceitos de uma tradição na modernidade, os feitos do passado reencenados no presente, os espaços periferizados como epicentro do discurso que a narrativa de Conceição Evaristo se dinamiza. Desta forma, cabe em sua dicção literária o mecanismo de evidenciar uma constelação de vozes subalternizadas que atuam como alicerces da força mística de Sabela na história. (SILVA, 2018, p. 302)

O renascimento de Sabela-menina, ao ser poupada do fogo e condenada às águas, acontece pela proteção dos anciãos de forma mágica, após ser escondida nas barbas desses homens, aconchegada em um ninho providencial. A avó, protegida pelos olhos das mulheres que se tornaram fecundas pelas águas do rio, conseguiu lutar contra os inimigos com “[...] a força coletiva das outras mulheres [...]” (EVARISTO, 2016, p. 67). Há o princípio do coletivo e das vivências entrecruzadas, fortalecedoras da identidade em face da tentativa de apagamento do poder feminino – metaforizado pelo poder sobre as águas –, e a transposição dessas experiências para outro rio (escre) vivente.

A força do dilúvio anunciado no começo da narrativa por Sabela – adulta no tempo da narração e mãe da narradora –, poupa, dentre os moradores, sua família, Madrepia e o menino Rouxinol. Os três estão emaranhados por encantamentos e pela natureza: a primeira é extensão das mudanças climáticas, a segunda tem a Cobra-Serena por companheira e o terceiro canta como rouxinol. No conto “Regina Anastácia”, a protagonista apropria-se da cultura e da religião do colonizador e as utiliza para descrever suas experiências de povo colonizado, para denunciar a realidade colonial, problematizando a situação de seu grupo social após a abolição. Em “Sabela”, por seu turno, sob diferentes perspectivas, surge o dilúvio não bíblico, recolocando o negro como marca positiva e construtora da história. A relação direta entre ser humano-natureza e o poder encantatório das palavras marcam a narrativa, como acentua a descrição do menino Rouxinol.

Daquele dia em diante, Rouxinol que estava aprendendo a falar, cada vez mais se capacitou na nomeação do visível e do invisível do mundo. E quando muitos queriam descansar do silêncio, era ele que lhes trazia a lembrança do falar, da palavra que laça, enlaça e desenlaça os homens. (EVARISTO, 2016, p. 73)

No livro *O ser e o tempo da poesia*, de Alfredo Bosi (1993, p. 142), em capítulo sobre “Poesia e resistência”, o autor expõe sua reflexão sobre o poder de nomear do poeta e a forma como a poesia tem resistido à sociedade materialista. Em muitos momentos, segundo o autor, ela cria um princípio de revolta ou *revolução*.

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia). (BOSI, 1993, p. 143)

Embora a análise esteja voltada a narrativas, é possível notar traços da resistência poética aos quais se refere o crítico: a presença do mítico, do sentido comunitário, pela forte retomada da ancestralidade e, no que tange à escrita afro-brasileira de modo amplo, a crítica à história de séculos de escravidão – ápice da desumanização e exploração capitalista. A arte torna visíveis as dores, lutas e conquistas do povo negro como símbolos contínuos de resistência. Em “Sabela”, a palavra-arte nomeia o visível e o invisível, acentuando uma forma de resistência vista também em narrativas pós-coloniais, pautada na indissociabilidade entre ser humano, mundo natural e sobrenatural. Nesse sentido, a análise de Assunção de Maria Sousa e Silva (2018, p. 298), já mencionada, contribui significativamente para as reflexões, ao tratar do realismo animista como estratégia discursiva:

A presença das águas confirma, a nosso ver, a ideia de que perpassam nas narrativas, nessa e noutras o pensamento animista que consiste na crença em objetos, pedras, árvores, cabelos, rios, etc..., na perspectiva de que ali deuses e espíritos animistas estão incorporados (GARUBA, 2012, p. 239). Isso posto, vale dizer que as estratégias discursivas e as técnicas de procedimento do narrar de Evaristo, apontam para o que Garuba (2012) chama de “reencantamento do mundo”, contrapondo-

se a Max Weber quanto às assertivas sobre a racionalização do mundo no seio da modernidade e da ascensão do capitalismo.

Na acepção de Aschroft (2001), teórico destacado para este artigo, trata-se de uma forma de resistência discursiva indireta, pois é realizada por intermédio da literatura e das artes. Essa literatura apresenta denúncias dos povos colonizados, seus questionamentos com relação à história, tudo por meio da arte, da estética, das histórias de vida, do trabalho com a linguagem. Trata-se uma estratégia bastante efetiva na defesa do colonizado, pois “consiste em resistir sem fazer uso da violência, em empregar táticas para se defender dos moldes europeus impostos ao colonizado utilizando sua própria linguagem e cultura” (FELDMAN e SILVESTRE, 2019, p. 34).

Em “Regina Anastácia” e em outros contos de *Insubmissas lágrimas de mulheres*, estão entrelaçados os fios de experiências das mulheres, numa forma de revide; em “Sabela” e em outras narrativas de *Histórias de leves enganos*, a imagem das águas inunda as páginas e mostra a força revolucionária da palavra poética.

Na narrativa, as águas permitem o retorno ao lugar de origem, libertando as personagens: “Houve ainda quem acreditasse estar empreendendo a viagem de volta. Esses arrancavam todas as vestes do corpo, tanto os adultos como as crianças e se davam às águas. [...]” (EVARISTO, 2016, p. 74). A história de outros sobreviventes recebe destaque na narrativa, como encaixes, nesta primeira parte, o que caracteriza a novela. As experiências ligadas pelas águas e pela memória da menina que viveu o dilúvio são recuperadas de tempos em tempos, vertendo “chuvas de palavras”.

Quando Sabela já estava bem velha e quase não aguentava mais falar, ela me pedia para que eu lhe recontasse tudo. Aí, era eu, então, que ficava úmida, vertendo chuvas de palavras, como estou a verter agora. [...] quem sabe se ajuntando pedaços das falas de uns, remendando com o contar de outros, não poderia eu chegar a uma narração mais próxima do realmente acontecido. Digo mais próxima, porque penso que diante de certos acontecimentos, a palavra é muda. Nem palavra, nem gesto dão conta do que de veras aconteceu. (EVARISTO, 2016, p. 85)

Na segunda parte, outras vozes sobreviventes são convidadas pela filha de Sabela para recontar, sob novos pontos de vista, o dilúvio: madre Pia fala de sua solidão; Rouxinol relembra encontros e perdas; Velho

Amorescente renasce das águas; Irisverde revive as dores sofridas desde a infância e a purificação pelas águas; Antuntal, enfim, sente-se reconhecido.

Dentre os que tinham salvação própria, me lembro de Madrepia, do Velho Amorescente e de Irisverde. Iris brotava da lama, como eu do lodo brotei, abraçando muitos outros. E nas correntezas da morte, não vivi a sisudez do perigo, nem a gravidade do desenlace que nos ameaçava. Vivi a fluidez da graça do meu sorriso caindo no olhar pedinte do outro. (EVARISTO, 2016, p. 98)

O jovem seminarista conta sua libertação pela nudez, e Manascente, mãe de sete filhas com hálito de flores, enaltece o silêncio e a vida. O início da narrativa é repetido no último parágrafo da terceira parte, reiterando o ato de contar as histórias, incrustadas na memória coletiva, composta de múltiplas vozes e experiências marcadas nos corpos. Escrevivências:

Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas. Na sabedoria de um povo está dito que “o sopro que sai da boca do homem, a palavra, é a energia, é a potência que Move o Universo”. No livro de outro povo está escrito: “O Princípio era o verbo”. Nas duas afirmativas é a palavra o princípio. E o princípio, que me foi dado conhecer, foi a palavra-corpo de Mãe. Das entranhas-mater a origem de minha fala e a compreensão primeira que tirei das águas. (EVARISTO, 2016, p. 104)

A tessitura narrativa de Evaristo apresenta a reescrita de um processo histórico e político, constituído por mulheres e homens negros. Trata-se do mecanismo de resistência discursiva, denominado reescrita, no qual a própria elaboração de Evaristo é uma forma de resistência, pois ela usa o poder adquirido pelo domínio do discurso “para colocar em foco sua condição de mulher, de negra, de pobre” (SILVESTRE; FELDMAN, 2015, p. 109). Ao resignificar a existência das mulheres negras nos textos, de expor situações nas quais as mulheres são subjugadas, silenciadas, Evaristo denuncia as diversas formas de violência vivenciadas por seu povo. A escritora se apoderou “do discurso acadêmico para utilizá-lo como forma de resistência, ou, pelo menos, de questionamento para a mulher negra e pobre do Brasil” (SILVESTRE; FELDMAN, 2015, p. 104). Nesse sentido, Evaristo reescreve a história do povo negro, incluindo suas tradições, valores e experiências.

## Considerações finais

Diante do exposto, constatamos que a tessitura narrativa de Conceição Evaristo apresenta estratégias de resistência na configuração da construção identitária das personagens. As protagonistas Regina Anastácia e Sabela impõem-se como sujeitos por meio do revide. Ao recusarem-se a participar do sistema que as oprimia, no qual os D'Antanhos são os detentores do poder, Regina Anastácia e a mãe Saíba lutam para conquistar sua alteridade. Sabela, por seu turno, supera a exclusão, ao não permitir que a história do dilúvio seja esquecida e segue seu caminho empenhando-se em manter a memória dos seus ancestrais.

Assim, a resistência pacífica (direta e indireta) e a resistência discursiva se mostraram como o caminho para a constituição da identidade negra, pois, somente por meio da resistência e da luta, processam-se a agência e a subjetividade. A trajetória das protagonistas aponta para o surgimento de uma sociedade igualitária, em que “O poderio da família D'Antanho não acabou, mas, ao longo do tempo, foi ficando mais abalado, na medida em que um ou outro ia se afirmando fora do círculo de comando deles” (EVARISTO, 2016, p. 139-140). Assim, há o empoderamento dos sujeitos periféricos que assumem o controle de suas próprias vidas.

Ademais, a escrita de Evaristo, vista sob o prisma de um sujeito que possui o domínio do discurso, revela a voz subversiva central, indicadora das várias estratégias para enfrentar o colonialismo, além de focar a contribuição dos afro-brasileiros e questionar “o que é ser subalterno ou dominante, colonizador ou colonizado, homem ou mulher” (SILVESTRE; FELDMAN, 2015, p. 109).

## Referências

- ALVES, Elizandra Fernandes; SILVESTRE, Nelci Alves Coelho. A perda da identidade cultural em *Wedding at the Cross*, de Ngugi Wa Thiong'o. *Revista Terra Roxa e outras terras* (Revista de Estudos Literários). Londrina. v. 33, p. 07-18, nov., 2017. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroxa/article/view/30932>> Acesso em: <02 de fevereiro de 2021>
- ASHCROFT, Bill. *Post-Colonial Transformation*. London: Routledge, 2001, p. 18 – 44.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BONNICI, Thomas. *Multiculturalismo e diferença: narrativas do sujeito na literatura negra britânica e outras literaturas*. Maringá: EDUEM, 2011.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. In: *Revista Palmares – Cultura Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

GONÇALVES, Ângela A.; BONNICI, Thomas. O conceito de resistência em três textos da literatura brasileira à luz da teoria pós-colonial. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, v. 27, n. 2, p. 151-161, 13 nov. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v27i2.196>> Acesso em 5 de abril de 2021.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAROUSSE, Ática. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 2001.

LOPES, Nei. *História e cultura africana e afro-brasileira*. São Paulo: Balsa Planeta, 2008.

PAIXÃO, Marcelo; GOMES, Flavio. História das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. In: XAVIER, Giovana, FARIAS, Juliana Barreto; GOMES,

Flavio (Orgs.) *Mulheres Negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRANO, Carlos.; WALDMAN, Maurício. *Memória d'áfrica*. A temática africana em sala de aula. São Paulo. Cortez editora, 2010.

SILVA, Assunção de Maria Sousa e. “E assim tudo se deu”: as histórias de leves enganos e pareências. In: DUARTE, Constância Lima.; CÔRTEZ, Cristiane.; PEREIRA, Maria do Rosário A. (Orgs.). *Escrevivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Belo Horizonte: Idea, 2018. p. 295-308.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho.; FELDMAN, A. K. T. “Vozes-mulheres” do terceiro mundo - a perspectiva de Conceição Evaristo. *Anuário de Literatura*, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 96-111, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2015v20n1p96>> Acesso em: 13 maio. 2021.

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho.; FELDMAN, Alba Krishna Topan.; MILAN, Cleia Garcia da Cruz. Identidade comunitária e histórica do negro em *Sou Negro*, de Solano Trindade e *Negro*, de Langston Hughes. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 15, n. 01, p. 97-116, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/187/showToc>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2021

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho.; FELDMAN, Alba Krishna Topan.; MILAN, Cleia Garcia da Cruz. Identidade comunitária e histórica do negro em *Sou Negro*, de Solano Trindade e *Negro*, de Langston Hughes. *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. v. 15, n. 01, p. 97-116, jan./jun., 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/view/187/showToc>> Acesso em: 02 de fevereiro de 2021

SILVESTRE, Nelci Alves Coelho.; FELDMAN, Alba Krishna Topan. Estratégias de resistência, sobrevivência e continuidade no discurso de grupos étnicos colonizados: reflexões teóricas. In: FELDMAN, Alba K. T.; MUNHOZ, Ruan F. (Org.). *Perspectivas multiculturais e pós-coloniais: irrompendo a literatura convencional*. Maringá: UEM, 2020, p. 31-55.